

**FLUXOS DE RESISTÊNCIA DE MULHERES DA CRACOLÂNDIA EM UMA  
EXPERIÊNCIA JORNALÍSTICA EM QUADRINHOS  
FLUJOS DE RESISTENCIA DE MUJERES DE CRACOLANDIA EN UMA  
EXPERIENCIA PERIODÍSTICA EN CÓMICS**

**RESUMO**

As representações midiáticas sobre as cenas urbanas de uso de drogas envolvem e reiteram discursos de nojo e degradação. No caso das mulheres frequentadoras de regiões de consumo de drogas, ao debruçar-se sobre as questões de gênero, suas fragilidades servem para corroborar as situações de violência e desigualdade enfrentadas. Frente a isso, analisa-se como elemento empírico, à luz de Rancière (2009, 2012, 2018, 2021), Didi-Huberman (2015, 2017), Quintana (2020, 2021, 2022) e Fontanille (2007, 2016, 2018, 2019), a reportagem em história em quadrinhos ganhadora do Prêmio Vladimir Herzog 2022, *Três Mulheres da Craco*, que trata das vivências e vulnerabilidades de mulheres que frequentam a Cracolândia, na região central da cidade São Paulo. Analisa-se como tal produto jornalístico constitui uma experiência dissensual na cena de resistência, testemunho, justiça e reconhecimento, refletindo sobre as possibilidades emancipatórias a partir de tal reportagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cracolândia; Estética e política; Jornalismo em quadrinhos; Mulher; Uso de drogas.

**RESUMEn**

Las representaciones mediáticas de escenas urbanas de consumo de drogas involucran y reiteran discursos de repugnancia y degradación. En el caso de las mujeres que frecuentan las regiones de consumo de drogas, al abordar temas de género, sus debilidades sirven para corroborar las situaciones de violencia y desigualdad que enfrentan. Ante ello, se analiza como elemento empírico, a la luz de Rancière (2009, 2012, 2018, 2021), Didi-Huberman (2015, 2017) Quintana (2020, 2021, 2022) y Fontanille (2007, 2016, 2018, 2019), el reportaje en historietas ganador del Premio Vladimir Herzog 2022, *Três Mulheres da Craco*, que trata con las experiencias y vulnerabilidades de mujeres que frecuentan Cracolândia, en la región central de la ciudad de São Paulo. Analiza cómo tal producto periodístico constituye

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60859>



una experiencia disidente en el escenario de la resistencia, el testimonio, la justicia y el reconocimiento, reflexionando sobre las posibilidades emancipatorias de tal reportaje.

**PALAVRAS LLAVE:** Cómico periodístico; Cracolândia; Estética y política; Mujer; Uso de drogas.

## INTRODUÇÃO

Parte-se da concepção de que o discurso reveste as narrativas com estruturas profundas que envolvem a manifestação do texto, a assunção de valores a enunciação e a manipulação de tais valores. Logo, a partir dele, formam-se efeitos de realidade, diante da dimensão figurativa e as relações enunciativas na construção de significações, em um processo comunicacional, que é situacional em relação a significação (BARROS, 2002; FIORIN, 2014). Assim, pela enunciação manifestam-se temas e figuras, ou seja, a recorrência dos traços semânticos e as roupagens sensoriais conferidas a eles. Pela reiteração e repetição de traços em um texto forma-se a isotopia, uma maneira de ler e interpretar determinado texto (FONTANILLE, 2019).

No caso do uso de drogas, situação de interesse deste artigo, nota-se que muitos dos discursos reiteram cenas consensuais em que o corpo se mostra degradado e sofredor. Todavia, a corporeidade marca-se pelas inscrições, agitações e núcleo da semiose (FONTANILLE, 2016). Assim, hipotetiza-se sobre a relevância da análise enunciativa da reportagem em quadrinhos *Três Mulheres da Craco*, de Carol Ito, diante das possibilidades e motivações de experimentos midiáticos dissensuais. Investigam-se os procedimentos empregados para a obtenção de efeitos de sentido. No caso dos enunciados visuais, descrevem-se os pontos de vista do observador. Considera-se que 'texto' e 'imagem' são componentes analisados conjuntamente, pois temas e figuras trata-se de conteúdos delineados sócio historicamente pelo sujeito da enunciação, que conduz o enunciatário em um percurso de manipulação seguida de interpretação. (BARROS, 2002; FIORIN, 2014; FONTANILLE, 2019).

Em suma, as reflexões envolvem os limites da visibilidade e da invisibilidade das usuárias de drogas, adentrando-se nos aspectos que organizam o sensível, em

uma dimensão estético-política. Os corpos das usuárias e da jornalista, além do próprio leitor da reportagem, têm potencial de ser afetado e experimentar desdobramentos sensíveis (RANCIÈRE, 2009; QUINTANA, 2020). Defende-se que se as práticas consensuais, como as notícias e imagens tradicionais sobre o fluxo da Cracolândia, impõem uma percepção, os dissensos inventam maneiras “como as coisas podem ser percebidas e nomeadas” (RANCIÈRE, 2021, p.45).

## **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS**

O crack surge no Brasil no final da década de 1980 e início da década de 1990, popularizando-se na periferia da cidade de São Paulo, comercializado na região central. Isso, devido aos constantes elementos de desvalorização imobiliária decorrente da mudança das elites e de centros empresariais para outras regiões da cidade, a partir de 1950. Os imóveis abandonados, mais tarde, seriam ocupados por usuários e traficantes (LIMA, 2021).

Com o neoliberalismo da década de 1980, a guerra às drogas alcança proporções bélicas, em um encarceramento em massa de usuários e traficantes, inclusive de muitas mulheres, principalmente em países pobres<sup>1</sup>. Nesse período, o uso de crack ganha as ruas dos Estados Unidos e, na década seguinte, do Brasil. Fomentaram-se discursos condenatórios ao uso de drogas por mulheres, principalmente em notícias sobre drogas e gravidez, figurativizadas por ‘más mães’, portadoras do HIV e negligentes (PALMER; HOROWITZ, 2000). Mas, se

---

1 O Relatório Mundial sobre Drogas de 2020 apontou que a pandemia de COVID-19, seguida dos impactos econômicos em países em desenvolvimento, torna os indivíduos mais vulneráveis ao consumo, cultivo e tráfico de drogas, a fim de obter sustento. De 2000 a 2010, o abuso de drogas ampliou-se nesses países, com riscos à saúde de adolescentes e jovens, em comparação aos demais países. Dados disponíveis em: [https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2020/06/relatrio-mundial-sobre-drogas-2020\\_-consumo-global-de-drogas-aumenta--enquanto-covid-19-impacta-mercado.html](https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2020/06/relatrio-mundial-sobre-drogas-2020_-consumo-global-de-drogas-aumenta--enquanto-covid-19-impacta-mercado.html). Acesso em: 23 nov. 2022.

mediatizavam-se as mazelas das mulheres usuárias, concomitantemente a publicidade de álcool e tabaco exploram a figura da mulher voltadas ao erotismo, a sensualidade e ao prazer como apelo ao público masculino.

O gênero fabrica-se pelos discursos, em normas que reiteram uma identidade consensual e um corpo materializa-se nas fronteiras entre os modos de agir e de se expressar, como as concepções culturais sobre os papéis das mulheres no cuidado dos filhos e do marido, algo inexistente nas usuárias de drogas, que ao entregar-se ao desejo e ser consumida por ele, merecem castigos físicos e morais. A prática do tráfico de drogas e da prostituição consistem em maneiras pelas quais as mulheres acessam ao dinheiro para realizar suas vontades, sendo o uso de drogas uma delas. E “apesar da estada no fluxo estar relacionada ao consumo de drogas, o crack não é consumido por todas elas e a droga nem sempre ocupa papel principal” (LIMA, 2021, p.83).

Em aspectos do senso comum, o uso de drogas por mulheres desperta desgosto e medo, ao subverter as expectativas sociais, assim: "as mulheres que usam drogas ilícitas são duplamente rejeitadas, por se oporem aos papéis femininos clássicos e por sua relação com a ilegalidade" (ROMO, 2005, p.73 - tradução minha<sup>2</sup>). A partir disso, forma-se a abjeção a determinados corpos e sua inaceitabilidade, regulamentados por códigos de inteligibilidade. Os discursos incentivam a mulher a educar o próprio corpo, diante do nojo advindo pela ausência de cuidado. A droga motiva o sofrimento, como algo que perturba a carne e o espírito, poluídas, já que seus corpos estão repletos de sujeira das substâncias (ETTORRE, 2007). De tal modo, relaciona-se o uso de drogas e as situações de desvantagem social, algo que amplifica a marginalização e que faz o indivíduo sentir vergonha e ódio de si. Somando-se a isso, o nojo envolve-se em questões culturais

---

2 *"las mujeres que usan drogas ilegales son rechazadas doblemente, por contraponerse a los roles femeninos clásicos y por su relación con la ilegalidad"* (ROMO, 2005, p.73).

e da sociabilidade humana, diante de rupturas do corpo, como feridas, fluidos corporais e órgãos, algo que confronta a realidade carnal, a fisicalidade e vulnerabilidade dos indivíduos (LUPTON, 2013).

Em muitos desses discursos, o enunciador coloca a própria visão sobre a dependência química ao espectador, logo, quem domina o saber, pois ele posiciona-se de um “lugar de saber” (DONDERO, 2019, p.25). Com isso, o ideal neoliberal de autorrealização e de independência propicia o controle e apropriação, sendo que para resistir ao cenário dessas disposições é preciso estabelecer relações entre os corpos, os territórios e os materiais. Postula-se que há armadilhas nessa responsabilização individual, movida pelo cuidado de si (FOUCAULT, 2010), já que o próprio capitalismo impulsiona uma série de valores ao consumo, ao exagero e ao hedonismo, como na valorização do consumo de álcool pela publicidade. Inclusive, Ettore (2007) destaca que a condição de dependência das mulheres insinua uma dependência de outros, algo explícito nas relações de cuidado impostas a elas, pois o corpo carinhoso não é só dependente, mas confiável.

Lima (2021) aponta a presença de pesquisas nacionais sobre as cenas de consumo de crack, algo que corrobora com o aumento do número de usuários, frequentadores e moradores nos entornos desses locais. Na Cracolândia, a população feminina cresceu expressivamente, algo que não acompanha o avanço das pesquisas etnográficas. O tráfico de drogas e o protagonismo feminino nesses circuitos não são explorados pelas pesquisas. A autora constata que as mulheres frequentadoras do fluxo são, em sua maioria, negras advindas de áreas periféricas da cidade.

Diante das lógicas consensuais que constroem os sujeitos RANCIÈRE (2021), nas quais o errante é penalizado e condenado a uma intervenção, reflete-se sobre as possibilidades de cenas dissensuais a partir desse cenário paradoxal, voltando-se para o jornalismo, pois para Rancière (2018) o sofrimento consiste em

tornar essas vidas ignoradas, em um pacto de opressão que despreza a igualdade entre os sujeitos.

Destaca-se que o capitalismo é uma ordem capaz de definir as potencialidades dos corpos, gerando impotência ao sujeito que tenta projetar-se no futuro, algo que pode ser superado pelas escapatórias que emergem das contrariedades aos processos de (re)produção, exploração dos corpos, agenciamento de tempos e espaços e acumulações de capitais. A partir disso, a complexidade e o desejo de sobreviver em meio as adversidades, como nos cenários urbanos de uso de drogas, explicitam relações e resistências fundamentadas em afetos afirmativos (QUINTANA, 2022).

### **ANÁLISE DA REPORTAGEM EM QUADRINHOS *TRÊS MULHERES DO FLUXO***

A reportagem produzida pela jornalista Carol Ito para a Revista Piauí consiste em uma história em quadrinhos sobre as vivências de três mulheres da região do fluxo da Cracolândia. O formato diferenciado da reportagem conferiu à Carol Ito a premiação Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos, na categoria Arte. A história inicia-se com a apresentação de Cármen Lopes, que desde 2018 vive na região central de São Paulo, próxima à cracolândia. Por admirar a resistência dessas pessoas, criou um coletivo para ajudar mulheres que vivem na região. Em sequência, apresentam-se Laura, uma mulher trans acolhida pelo coletivo criado por Cármen e Daiane Ferreira, uma cozinheira desempregada que se encontra morando na rua. O trecho que segue, do início da reportagem, é a apresentação da personagem Cármen:

Imagem 1: Trecho de apresentação de Cármen Lopes



Fonte: ITO, Carol (2022).

Assim como Ito (2022), o campo de incursão da pesquisa etnográfica desenvolvida por Lima (2021) é o Coletivo Tem Sentimento. Fundado pela assistente social Cármen Lopes, a organização coordena ações, oficinas e serviços às mulheres que frequentam ou que habitam o fluxo da cracolândia. Uma das atividades é a confecção de calcinhas, pois Carmem notou que a costura coletiva rememorava às participantes vivências positivas de familiares e da infância, portanto, trata-se de uma proposta de acolhimento e geração de renda. Essas mulheres cuidam umas das outras, valorizam “os espaços de cuidado raramente disponibilizados como forma de cuidado de si com significativa atenção ao corpo” (LIMA, 2021, p.83). São mulheres que desejam viver, apesar de todas as adversidades e infortúnios, buscam relacionar-se, qualificar suas interações e expressam-se afetivamente. Elas “são agentes de suas histórias que ora agem ou reagem, ora se resignam, mas não deixam de esperar a ação do tempo na reconstrução de suas relações e experiências” (LIMA, 2021, p.84). Esse coletivo é um povo exposto, como uma montagem diversa e heterogênea incapaz de condensar-se nos discursos midiáticos tradicionais (DIDI-HUBERMAN, 2017).

Portanto, para observá-los é necessário recusar as maneiras superiores e distanciadas, que instauram uma posição de poder, para debruçar-se como um gesto de humildade, ao abandonar a zona de conforto e os padrões comuns de observação, em prol de uma leitura dialética, “para saber melhor, se rememorar melhor, se endolorecer melhor” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.19).

A jornalista preocupa-se em defender e expor a atuação dessas organizações, notado na entrevista que conduz com uma pesquisadora da área da saúde sobre a importância dessas organizações e o consumo de drogas por mulheres no período da pandemia de COVID-19:

Imagem 2: Argumentos apresentados pela pesquisadora



Fonte: ITO, Carol (2022).

A história em quadrinhos, enquanto projeto emancipatório, trata da desmontagem das cenas hegemônicas e hierárquicas, em prol de um método da

igualdade, que interrompe as explicações usuais, como as percepções e interpretações dos fatos sociais conduzidas pela mídia. Jornalista e entrevistados mostram-se próximos e afetados, já que a narrativa aborda os desafios e situações de violência das mulheres do fluxo da Cracolândia e da própria atividade da jornalista, assim, seus corpos tornam-se testemunhas de tais danos enfrentados.

Essas mulheres discordam dos significados e práticas dominantes, na luta pela distribuição do sentido. A jornalista, por exemplo, distancia-se das representações midiáticas comuns sobre o tema, em um movimento semelhante a uma etnografia, ao adentrar a realidade das mulheres entrevistadas. Isso traz intimidade e revela os traços das interações sensíveis na reportagem, por exemplo, no respeito ao vocabulário expresso pelas usuárias de drogas. Com isso, a narrativa consiste em momentos de interrupção que se prolongam em cenas de visibilidade à discordância, capazes de perturbar as fronteiras do possível e do impossível. O trecho que segue, com a apresentação de Laura, uma das entrevistadas, aponta essa aproximação sensível e as estratégias poéticas utilizadas pela jornalista para introduzir a entrevistada:

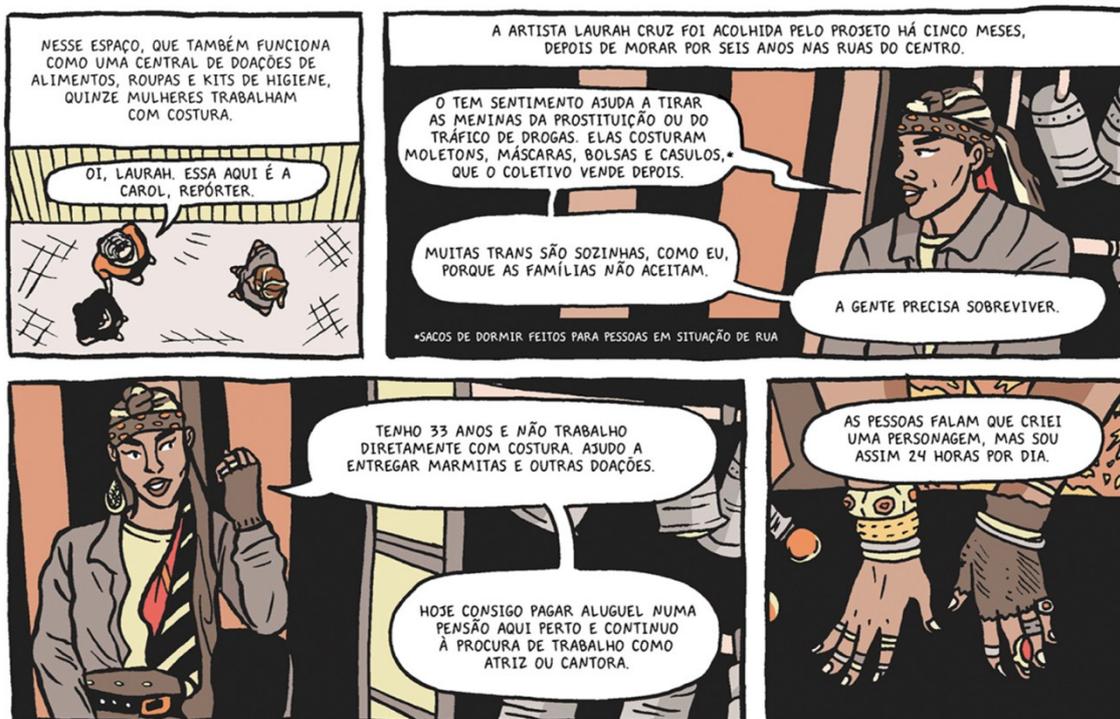


Imagem 3: Sequência de apresentação de Laura

Fonte: ITO, Carol (2022).

Para Fontanille (2018), as formas de vida manifestam-se em identidades que se confrontam na semiosfera, sendo que a perseverança, como no caso das vivências das mulheres usuárias de drogas, é fruto das mediações contínuas e expressões do interior do corpo, em uma transformação baseada no sofrimento. São relações pelas quais os vestígios testemunham os contatos indiscretos e são enterrados na carne dos sujeitos, mas quando emergem, na superfície dos corpos, lembram o passado de dominação enfrentado, como pistas da vulnerabilidade. Fontanille (2007) enfatiza que o testemunho é um regime de crença, convocado para estipular a verdade, já que a testemunha é como uma prótese, uma extensão do corpo. Instaura-se uma série de moções íntimas que caracteriza o consumo e, até

mesmo, nas interações que se envolvem com outros corpos. Tiburi e Dias (2013) apontam que o usuário de drogas é um sujeito independente pela droga, sendo ela algo que os blinda do mundo exterior, como um invólucro que protege o indivíduo da realidade.

O corpo manifesta deslocamentos e deformações, em marcas dêiticas para indicar os tempos ou lugares, como uma os espaços e os momentos do fluxo da Cracolândia, mesmo que não sejam fixos, preenche o tempo, sendo que o usuário vive o tempo da droga. “A ‘lida’ com o usuário de crack em situação de rua segue a lógica da ralé. Visa ao corpo” (TIBURI; DIAS, 2013, p.295). As medidas repressivas e os ataques que o corpo sofre são tentativas de “vencer pelo cansaço’, cansaço do corpo. Não é incomum que na saúde ao que ainda se vise seja também o corpo, mero corpo a ser desintoxicado. Afastamento do corpo do raio de ação da droga” (*ibid.*, *ibid.*).

As condições e as motivações pelas quais essas mulheres frequentam a Cracolândia envolvem “poder de ação para se defenderem e atacarem com recursos que variam da resistência e protagonismo à resignação esperançosa” (LIMA, 2021, p.82). Consolida-se um espaço comum de sobrevivência que exige o encontro entre dois sujeitos com uma identificação que os precede, já que reconhecer é uma potencialidade que implica os sujeitos.

A corporeidade reelabora as singularidades e coletividades do comum diante da materialização do poder e dominação que fixa e gesta determinados sentidos e percepções. Isso envolve a subjetivação política, a reivindicação por uma vida digna e uma capacidade de falar e de ser ouvido. Suas interações, decorrentes das aproximações de seus corpos, envolvem-se em contágios e copresenças, em percursos que se cruzam diante da incerteza, como uma rede interconectada que sintetiza a interação (LANDOWSKI, 2014). Diferenciando-se das reportagens tradicionais, nas quais geralmente essas pessoas são expostas de forma a não a

serem identificadas, sem nomes, opiniões ou apresentação de seus cotidianos, o desenho da história em quadrinhos conduz à aproximação entre jornalista, usuária e leitor, como “uma estratégia que vai, pouco a pouco, reconstruir uma história de vida, um corpo, uma classe social, levando a um procedimento de ressensibilização à violência” (SCHWARTZMANN, 2019, p.85). Os rostos, componentes figurativos expressivos nas imagens apresentadas, são modos de responsabilizar o espectador, “pedindo-me que não o deixe morrer” (BUTLER, 2019, p.167). Isso acontece com a compreensão dada pela jornalista para as mazelas enfrentadas pelas mulheres, como a dificuldade em conseguir alimentação na região do fluxo, situação que faz com que muitas delas recaiam a bebidas e outras drogas. Além disso, apresentam-se os sentimentos e reflexões de tais pessoas. Essas percepções expressam-se no seguinte trecho:

Imagem 4: Trecho da entrevista com Daiane Ferreira



Fonte: ITO, Carol (2022).

Pode-se relacionar a própria característica das histórias em quadrinhos, uma mídia considerada marginal, como elementos de subversão, com os fatos apresentados sob uma perspectiva próxima e sensível. A reportagem consiste em uma soma de elementos dissensuais, tanto de expressão, pelo formato utilizado,

quanto de conteúdo, pelas estruturas discursivas (temas e figuras) mobilizadas. Nas análises figurativas a personagem consiste em uma construção imagética assumida pelo leitor com base no universo diegético composto pelo autor. No caso do jornalismo em quadrinhos, gênero que se localiza entre realidade e ficção, o personagem consiste na fonte (geralmente relatada por informações sumárias, como idade, profissão e nome). Mas, a personagem literária é complexa, já que “a fala de uma fonte não pode ser comparada ao discurso de uma personagem literária, no sentido de que aquela tem o objetivo preciso e finito de trazer uma informação nova ou de confirmar, via recurso à autoridade, algo já referido no texto” (PAIM, 2014, p.).

Todavia, o jornalismo literário caracteriza-se pela expressividade na descrição e apresentação das fontes, em longas reportagens, por exemplo. Essa modalidade jornalística, quando expressa em narrativas sequenciais, apresenta-se como jornalismo em quadrinhos. Logo, “no jornalismo, figurativizar a fonte (ou seja, transformar a fonte em personagem) significa humanizá-la”. Entrevistador e entrevistado consistem-se em personagens da reportagem, apresentando-se de forma complexa, principalmente pela figuração em desenho (PAIM, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como os homens usuários de crack e de outras drogas, as mulheres, grupo de maior invisibilidade, não detêm uma parte na partilha do sensível e submetem-se a uma hierarquia consensual (RANCIÈRE, 2009; 2018). Mas a reportagem, que foca no cotidiano dessas pessoas, configura um momento de igualdade. Além disso, os encontros das usuárias, ativistas e jornalista provocam intervenções entre elas, pois suas formas de vida posicionam-se em um mesmo regime temporal e espacial. Tal presença caracteriza-se pela escuta oferecida às usuárias inaudíveis e invisíveis expressa a reivindicação pela igualdade, desejo

partilhado pelas ativistas da causa. Como em uma atividade etnográfica, a jornalista permite que as usuárias tenham uma parcela de suas vidas apresentadas, sem colocar a droga como protagonista, mas como coadjuvantes de um momento que não resume com fidelidade as trajetórias, os sonhos e os afetos dessas pessoas.

No caso das usuárias, "o simples fato de olhar as imagens que denunciam a realidade de um sistema já se mostra como cumplicidade nesse sistema" (RANCIÈRE, 2012, p.85). Logo, o leitor não está em uma hierarquização do processo comunicacional, ao contrário, a reportagem em quadrinhos constitui um espaço de confrontos estéticos, isso sem que o leitor necessariamente deva assumir o papel do atuante, mas reconhece-o como um conhecedor, tendo em vista que o domínio do saber é algo relativo (RANCIÈRE, 2012).

Como na reportagem em quadrinhos analisada, os acontecimentos poéticos da política remetem às ações criativas, que podem ocorrer pela linguagem, e corroboram na autopercepção e na constituição dos interlocutores, como sujeitos capazes de partilharem o comum (QUINTANA, 2021). A emancipação engloba as práticas que, de forma digna, concedem aos sujeitos a participação e o conhecimento na construção de políticas de drogas, independente de uma revolução, mas de uma reorganização, individual ou grupal, das percepções, por isso a dimensão estética da política (RANCIÈRE, 2009; 2021).

Reitera-se que tal dimensão estética da política se interessa pela constituição do comum, pelos limites do que é compartilhado, os aspectos incluídos e as decisões tomadas. Ou seja, a produção dos significados e condições para a distribuição dos sujeitos. Com isso, os argumentos políticos também são poéticos, à medida que imagens e gestos expõem mais do que o raciocínio formal. Trata-se de cruzamentos, torções que explicitam o que Quintana (2020, 2021) entende a partir da noção experimental da política. Nesse caminho ocorrem formas de emancipação coletivas e individuais, nas quais o corpo é capaz de produzir e relacionar-se.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pensar debruçado**. Lisboa: KKYM, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Povos expostos, povos figurantes. **Vista**, n. 1, p. 16-31, 2017. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/2963>. Acesso em: 2 mai. 2022.

DONDERO, Maria Giulia. A enunciação enunciada na imagem. In: ABRIATA, Vera Lucia Rodella; SALLES, Atilio Catosso; SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de. (org.). **Vozes do social**: a enunciação visual e sincrética na diversidade das mídias. Franca, SP: Unifran, 2019, p. 15-42. Disponível em: <https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/criacao/arquivos/serie-foco-4.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ETTORE, Elisabeth. Women, drugs and popular culture: is there a need for a feminist embodiment perspective? In: MANNING, Paul. **Drugs and popular culture**: drugs,

media and identity in contemporary society. Cullompton: Willan Publishing, 2007, p.227-239.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

FONTANILLE, Jacques. Ethos, pathos, et persuasion: le corps dans l'argumentation. Le cas du témoignage. **Semiotica**, v. 163, n. 1-4, p. 85-109, 2007. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/SEM.2007.006/html>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Londrina: EDUEL, 2016.

FONTANILLE, Jacques. **Formas de vida**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2018.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

FOUCAULT, Michel **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ITO, Carol. Três mulheres da craco: uma reportagem ilustrada. **Piauí**, edição 184, jan. 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2014.

LIMA, Larissa Soares. **As mulheres “do” fluxo:** um estudo etnográfico na Cracolândia. Orientador: Ygor Diego Delgado Alves. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Saúde Coletiva, Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/62187>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LUPTON, Deborah. Revolting bodies: the pedagogy of disgust in public health campaigns. **Sydney Health & Society Group Working Paper No. 3.** Sydney: Sydney Health & Society Group, 2013. Disponível em: <https://ses.library.usyd.edu.au/bitstream/handle/2123/9110/Working%20Paper%20No.%204%20-%20Disgust%20in%20public%20health%20campaigns.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 out. 2022.

PAIM, Augusto Machado. A personagem-fonte no Jornalismo em Quadrinhos: entre a ficção e a não-ficção. **Revista de Estudos Literários**, v. 4, p. 349-365, 2014. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/2183-847X\\_4\\_15/1882](https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/2183-847X_4_15/1882). Acesso em: 12 dez. 2022.

PALMER, Cynthia; HOROWITZ, Michael (org.). **Sisters of the extreme:** women writing on the drug experience. Rochester: Park Street Press, 2000.

QUINTANA, Laura. **Política de los cuerpos:** emancipaciones desde y más allá de Jacques Rancière. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

QUINTANA, Laura. **Rabia.** afectos, violencia, inmunidad. Barcelona: Herder Editorial, 2021.

QUINTANA, Laura. Alternatives in the Midst of Ruination: Capitalism, Heterogeneity, Fractures. **Critical Times**, v. 5, n. 1, p. 50-75, 2022. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/critical-times/article/5/1/50/313360/Alternatives-in-the-Midst-of-RuinationCapitalism>. Acesso em: 5 jul. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2018.

RANCIÈRE, Jacques; JDEY; Adnen. **O método da cena**. Belo Horizonte: Quixote Do, 2021.

ROMO, Nuria. Género y uso de drogas: la invisibilidad de las mujeres. **Monografías Humanitas**, v.5, p.69-83, 2005. Disponível em <http://hdl.handle.net/10481/22315>. Acesso em: 12 out. 2022.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. O retrato da chacina: estratégias de humanização no Caderno Cotidiano. In: ABRIATA, Vera Lucia Rodella; SALLES, Atilio Catosso; SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de. (org.). **Vozes do social: a enunciação visual e sincrética na diversidade das mídias**. Franca: Unifran, 2019, p. 83-103. Disponível em:

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60859>



<https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/criacao/arquivos/serie-foco-4.pdf>.

Acesso em: 14 nov. 2022.

TIBURI, Marcia; DIAS, Andréa. **Sociedade fissurada**: para pensar as drogas e a banalidade do vício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.